



Diogo Infante

Perguntas de Paulo Costa Dias, fotografia Nuno Correia

Em que Tempo e lugar gostaria de ter sido actor?

Gosto do tempo actual. A multiplicidade de opções, a lógica da contemporaneidade, a dinâmica de um mercado competitivo, o impacto que o nosso trabalho potencialmente pode ter e o reconhecimento genérico do público da importância da nossa profissão e do nosso papel social são bons motivos para querer ser actor no século XXI. Há uns anos atrás sonhava com Inglaterra e os Estados Unidos como lugares de eleição para ser actor, hoje sinto-me muito reconhecido por ter tido a oportunidade de me afirmar como actor no meu próprio país.

Em que difere o Tempo para um actor e para um gestor?

Um gestor pensa o tempo numa lógica de rentabilização dos recursos e numa perspectiva de retorno. Um actor gere o tempo em função de uma necessidade de consumir a verdade da personagem que interpreta. Esse processo nem sempre obedece a regras fixas, mas o actor deve controlar o seu tempo, porque tem gente à espera, espera o outro actor pela deixa, espera o contra-regra pelo momento de entrar um efeito ou um adereço e espera o público pela fala, pela pausa, pela suspensão daquela respiração, daquela intenção, que nos revela todo o drama num segundo e que nos comove e nos faz sentir vivos.

Os minutos passam da mesma forma, antes e depois de entrar em palco?

Nunca mais chega a hora! Diriam os mais ansiosos como eu, desejosos do confronto, que é também uma libertação e uma catarse. Em palco sente-se o deleite da comunicação numa forma pura e intuitiva que nos preenche e completa, quando tudo corre bem, claro! Quando corre mal, o tempo é comodista e deixa-nos a suportar os maus tratos da indiferença e da ausência de diálogo com o público que de repente não está lá, porque simplesmente não o conseguimos agarrar.

Em palco, sente-se o Tempo passar?

O tempo tem de facto medidas voláteis e caprichosas, mas também mágicas. O tempo em palco tem o seu próprio tempo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades?

Suponho que sim. Algumas vontades acompanham os tempos e adaptam-se. Por vezes surgem novas vontades mas há outras que persistem e resistem às mudanças do tempo, porque são intrínsecas à condição humana, porque fazem parte da nossa natureza.

Uma hora aos 20 anos dura o mesmo Tempo que aos 40 anos?

Depende como se gasta essa hora. Aos 40 tornamo-nos mais poupados e fazemos render essa hora saboreando-a melhor, mas falta-nos o atrevimento e o despudor de quem tem 20 anos e ainda tem muitas horas pela frente.

O que é intemporal?

Estou tentado a dizer nada. Mas creio que o amor, sentimento que nos confere identidade, dignidade e consciência da nossa finitude, pode e deve ser intemporal, pelo menos enquanto durar.

A velocidade é a forma mais rápida de chegar?

A fábula da lebre e da tartaruga diz-nos que não. Mas se estivermos sentados num Porsche Carrera, ajuda!